



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## O CONTO DO VIGÁRIO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTANHE

«**M**ELRO! Oh Melro!»  
«Quem me chama?» — perguntou o Melro, ainda estremunhado.  
«Eu, o Abade! Temos que conversar!»  
«A esta hora? Vossa reverência decerto está a sonhar!...»

«Não digas disparates! Levanta-te! E o teu vigário que o ordena!...» — respondeu o Abade, dando-se uns certos ares.

«Visto que mo ordena, vou já! Deixe-me só alisar as penas da cabeça. E' um instante!...»  
Era madrugada. O sol começava apenas a tingir de leve a linha do horizonte. Tudo dormia ainda.

O Melro saltou do ninho. Mal humorado, cumprimentou o Abade com uma bicadinha num pé e disse:

«Sua bênção, senhor Abade. O que o trás por aqui a hora tão... tão... como direi? — e abria um grande bico, cheio de sono, — tão... inoportuna?»

«Em primeiro lugar — respondeu, muito digno, o Abade — é muito feio abrir o bico, sem o tapar com a asa. Depois, acho que poderias ter guardado para ti essa indelicada expressão: *hora inoportuna*.

Nunca é inoportuna a visita dum amigo, demais sendo esse passaro tão considerado como eu!...»

«Desculpe, senhor Abade. Não queria ofendê-lo!»  
«Bom, bom. E' isso mesmo o que se quer. Antes de mais nada: Tua mulher e teus meninos, bem?»

«Menos mal, agradecido a vossa reverência!»  
«Vamos lá então ao nosso caso! Como sabes, sou brasileiro...»

«Disse-mo há tempos a sua prima, Dona Pêga...»

«Como também deves saber, o governo bra-

sileiro proibiu a remessa de dinheiro para Portugal...»  
«Soube-o pelo seu primo e corrector da Bolsa, mestre Córvo...»

O Melro fez três vénias, a agradecer. E o Abade continuou:

«Pois como ia dizendo: Esta medida tem-me causado sérios transtornos. Todos os meus fundos estão no Brasil! De maneira que me vi forçado a empenhar o que possuía, inclusivamente o ninho! Restam-me apenas algumas joias e pratas de família, de que muito me custa a desfazer. Tomei porisso uma resolução. Parte hoje um paquete para o Brasil. Embarcarei nele. E na minha terra realizarei a fortuna que me pertence, e arranjarei maneira de poder trazer o dinheiro para Portugal...»

«Muito bem! Muito bem!» — aprovou o Melro.

«Mas para isso preciso de dinheiro. E como estou farto

de ser explorado pela prestamista Formiga, resolvi procurar-te e pedir-te o necessário para a viagem.

(Continua na pag. 3)



# O GRILO "GRI-GRI"

■ Por ZÉ D'ALDEIA — Desenhos de A. CASTAÑE ■

**C**onheci um grilo  
Que, num centeal,  
Todo jovial  
E muito tranquilo,

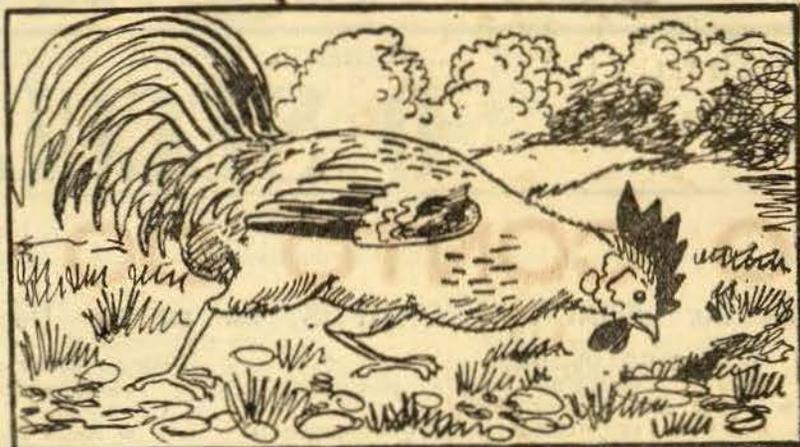
Cantava «gri-gri...»  
De noite e de dia,  
Terna melodia  
— «Gri! gri! gri! gri! gri!...»

Verde serradela  
Era o seu manjar,  
Almôço e jantar  
E ceia tão bela!

Muito redondinha,  
Sua habitação,  
Debaixo do chão,  
Onde uma grilinha

Vivia feliz,  
Ouvindo saltar  
Lá dentro do lar  
Seus ternos «gri-gris»!

Certo dia um galo  
Passou por ali,  
Ouviu o «gri-gri»  
E quiz apanhá-lo.



O grilo fugiu...  
E o galo líró  
Fez cóquiróco  
E não mais o viu!

Nisto passa um gato  
Chamado Bibi,  
Ouvindo o «gri-gri»  
Julgou ser um rato!

Meteu-se na lura,  
Fugiu ao maráu,  
Que fez «rinhánháu»  
E triste figura...

Um burro passou  
Bem perto de si...  
Ao grilo «gri-gri»  
O burro zurrou.

Meteu-se no lar  
E o burro girou;  
O grilo acabou  
com o seu cantar.

Nisto, passa um cão...  
Diz ouvindo o grilo  
— «Que será aquilo?!» —  
E ladrou: — «ão! ão!» —

O grilo saltou  
P'ra dentro do lar,  
Parou de cantar,  
Logo o cão rodou...

Mas vem um garoto...  
Ouvindo o «gri-gri»  
Eis descobre, ali,  
O seu casinhôto.

Com uma palhinha,  
O terrível Juca,  
Faz zuca que zuca  
Na sua cóvinha!

E o grilo «gri-gri»,  
Bastante assustado,  
Lá foi apanhado,  
Ali, mesmo ali!

Hoje, na gaiola,  
De cana amarela,  
Come serradela  
Mas não se consola!

Recorda a casinha  
Que não tem ali  
E chora «gri-gri»  
A sua grilinha!...



O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciete Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Prata—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Parol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraçada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SAO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

# O HOMEM QUE NUNCA MENTIU

Por J. F. S. — Desenhos de A. CASTAÑE

**Q**UEM tenha lido o nosso conto *Duma cabana ao palácio da Casa Branca*, publicado no n.º 414 do *Pim-Pam-Pum*, recorda-se de que o livro emprestado ao menino Abrahão e que se estragou num buraco da cabana, por ter chovido durante a noite, se intitulava «A Vida de Washington».

Ora este Washington veio a ser, como Abrahão Licôln, presidente da República dos Estados- Unidos, cuja independência proclamou e defendeu.

Nasceu em 1732. Tinha cinco anos quando o seu pai o presenteou com um machadinho. Muito satisfeito com a oferta, pensou Jorge em a utilizar imediatamente. Não calculando o prejuízo e a má acção que esse procedimento representava, Jorge foi-se a uma cerejeira muito estimada por seu pai, e vibrou-lhe repetidos golpes em volta do tronco.

A árvore murchou, o que en-

cheu de admiração o pai de Jorge, quando, no dia seguinte, foi ao jardim, manifestando-se pesaroso e indignado.

— Quem fez isto? — perguntou, colérico, o pai, a todos os criados e a seu filho.

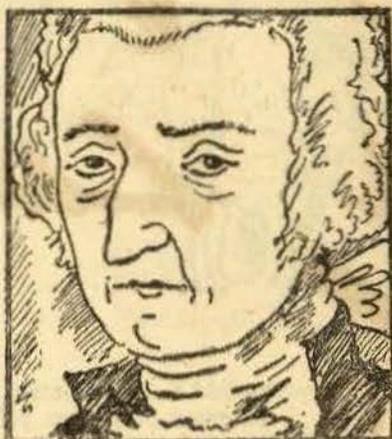
Ninguém respondeu, mas, passados momentos, Jorge avançou, descoberto, para junto de seu pai, declarando:

— Fui eu!

— Fizeste um grande mal e deste-me um enorme prejuízo e não menor desgosto. Procedeste, porém, inconscientemente. Todavia, a coragem e lealdade que demonstraste, apresentando-te como culpado, obrigam-me a perdoar-te. Preferia perder todas as árvores do jardim, a saber que meu filho era mentiroso. Jorge, não mintas nunca!

— Sim, meu pai, nunca mentirei!

O juramento foi religiosamente cumprido. Jorge procedeu sem-

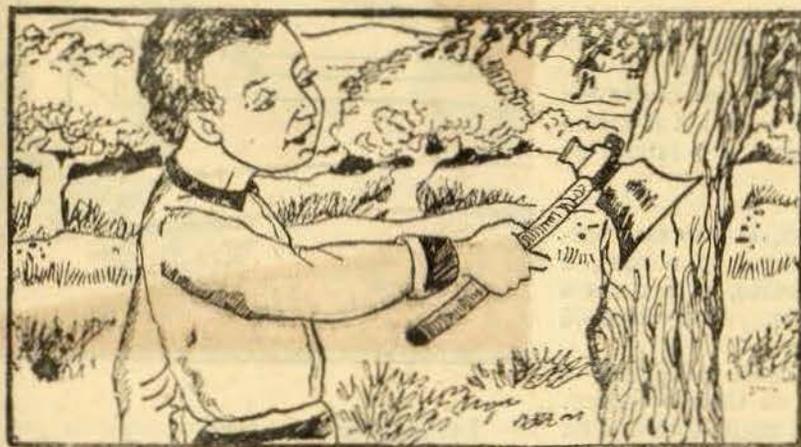


pre como homem de caracter. Tornou-se conhecida a sua bondade, honradez e corágem. Chamaram-lhe «O homem que nunca mentiu».

Tinha apenas onze anos quando seu pai morreu. Sem vacilar, Jorge tomou a direcção das propriedades agrícolas, trabalhando com afinco e dirigindo com acerto, como se fôra homem. Era um trabalhador incansavel e escravo do Dever.

Estas mesmas qualidades o acompanharam através da vida. Dirigia, ao mesmo tempo, com a maior competência e honestidade, os negócios de treze Estados e as suas propriedades.

Assim foi Jorge Washington de quem Abrahão Lincoln, quando menino, leu a vida, recebendo nela a inspiração para ser, como êle, chefe dum dos maiores países do mundo.



## O CONTO DO VIGARIO (Continuado da 1.ª pag.)

Como garantia deixar-te-hei as joias e as pratas.

«E quanto precisa vossa reverência?»

«Dois contos apenas!»

«É muito, senhor Abade. Um conto, talvez ainda conseguisse arranjar-lhe. Mais não!...»

«Bem! Remediar-me-hei com um! Venha de lá!»

«E as joias?» — perguntou o Melro.

«Crêdo! Que pressa! Parece que duvidas de mim!...»

«Não, senhor. Mas negócios são negócios!...»

«Está bem! Está bem! Vou já buscá-las!»

E o Abade levantou vôo, sumindo-se no pinhal. Daí a pouco voltava, trazendo no bico um cofre, que entregou ao Melro.

«Toma! Estão aqui as minhas melhores pratas. Quer ver?»

Abriu o cofre e tirou um fio de ouro:

«Vês? É lindo, pois não é?»

«Não é feio!...»

«Toma-lhe o péso!...»

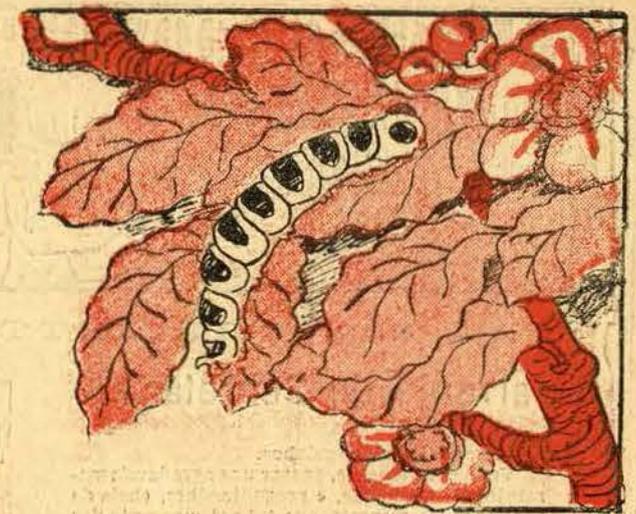
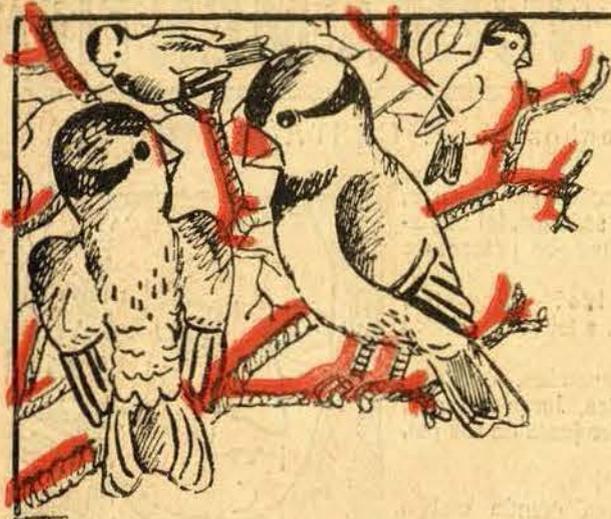
«É pesadito! Vale aí uns 100 escudos» — avaliou o Melro.

«Mais! Muito mais! E este anel de prata, com o meu braço?»

«É bonitote, mas não tem grande valôr. O máximo uns 40 escudos...»

«Upa! Upa! Já me ofereceram 150 e eu não aceitei! Bem! Como vês é tudo bom e valioso! Não vale a pena perder tempo a tirar as outras joias do cofre. Basta olhar

# O ANÃO SABICHÃO... NA AVENIDA...



**O** prometido é devido, meus queridos meninos. Cá estou pois, para falar com vocês, o que faço com o maior prazer e alegria.

Parece-me que já sômos velhos amigos, apesar de não poder dizer que, desde pequeninos, vos conheço! Pequenino tenho eu sido toda a vida e lá conhecer-vos, só agora tenho esse gosto.

No entanto, o Pim-Pam-Pum corre mundo e foi por esse motivo que me deu a gana de vir até Lisboa, para travar relações com vocês, quero dizer, tornar-me vosso amigo, confidente, conselheiro e bom companheiro.

Começo por lhes dizer que estou verdadeiramente encantado com a beleza da vossa terra.

Nunca vi céu mais azul, sol mais brilhante, rio mais lindo.

E olhem que, apesar de eu ser tão pequenino no corpo, sou um gigante em conhecimentos!

Ora uma destas manhãs, apeteceu-me ir dar um passeio pela Avenida da Liberdade onde me disseram que estava um figurão de pedra que é o retrato do rio Tejo.

Não sabiam?

Pois é verdade! Lá o encontrei, com as suas barbas muito compridas, tal qual como as minhas, e sempre a atirar água cá para abaixo, o que não o incomoda nada, visto que ele é de pedra, como já lhes disse.

Mais adiante, parei, embasbacado, a admirar a beleza do monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Tirei o meu carapuço, puz-me muito direito e fiz a continência, cheio de respeito.

Nessa ocasião, passava por ali um rapazinho e o seu procedimento deixou-me muito triste.

Calculem os meus amiguinhos que o tal rapazinho nem sequer levou a mão ao boné, diante do monumento que comemora a heroicidade dos soldados portugueses, mortos na Grande Guerra.

E venho fazer-lhes um pedido, que é o dever de

toda a gente, quer tenha um palmo ou vinte palmos de altura.

Diante daquele Altar da Pátria, todos nós devemos tirar o chapéu, em sinal de respeito.

Continuei por ali fóra, muito entretido a ver brincar vários meninos que corriam, andavam sobre «trotinettes», jogavam à bola, e éstes exercícios davam-lhes um rosado tão bonito às bochechas que até pareciam maçazinhas camoêzas!

Mas nisto, ouvi um piar, muito tristonho. Como sabem, faz parte da minha educação a língua da passarada, por isso, percebi, perfeitamente, o que os pardalicos diziam!

E fez-me tanta pena que até me passou a vontade que eu já levava para o almoço!

quanto frio nós apanhamos!

Pi-pi-pi-pi-pi-pi  
não podemos estar aqui!  
E para onde havemos de ir,  
se tivermos de partir? —

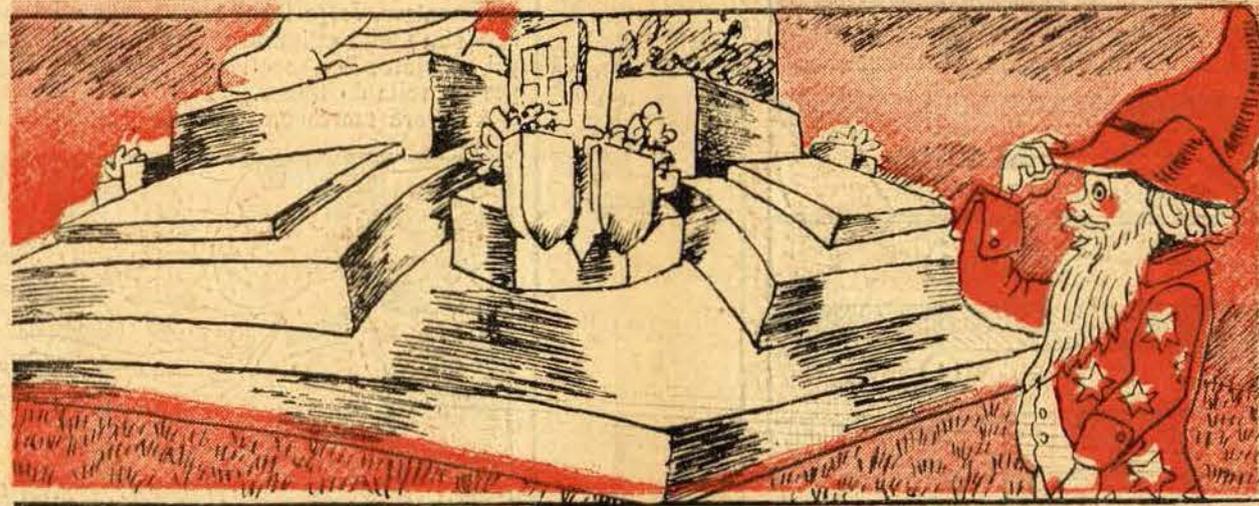
A pardalada piava, piava, que metia dó!  
Foi, então, que reparei que aqueles passeios pareciam uns descampados! Não tinham uma única árvore! Era uma desolação!

Assim como as ávezinhas, também eu fiquei muito triste!

As árvores são tão lindas e tão nossas amigas!  
Dão-nos sombra, fruto, mas o que, sobretudo, nos dão, é a sua beleza!

lambeu,  
roeu,

das árvor's algum tronquinho  
que encontrou no seu caminho.  
Foram elas, estas más,  
com apetite voraz,  
que às árvores deram morte!  
— Mas vais ter a mesma sorte! —



Lamentavam-se, assim:

Entre fôlhas e folhinhas  
tinhamos nossas casinhas,  
nêste inverno de friagem;  
tiraram-nos a folhagem,  
e ficamos sem abrigo!  
Se já viram tal castigo!  
Sem termos casas nos ramos,

Por isso, os meus amiguinhos devem ter com elas o maior carinho e amor!

Mas os pardalicos continuavam a piar! Agora bicavam qualquer coisa no chão e seus altos pios, diziam:

— Esta lagarta tão feia,  
se leva a barriga cheia,  
certamente que comeu,

Furiosos, bicavam a bojuda lagarta e, num instante, deram cabo dela!

Na verdade, êsses bichos tão feios, haviam-se entranhado nas árvores da Avenida e fóra por essa razão que elas morreram.

Fizeram às árvores o que certos defeitos fazem muitas vezes aos meninos!

Entranham-se nos seus corpinhos e não dão a morte, isso não! Mas fazem cada estrago!

Tarrenego! E' preciso não deixar as lagartas-defeitos entrar por aí dentro!

Muito cuidado! Mal as avistem, sacudam-nas logo!... Lembrem-se sempre das pobres árvores!... Se não fossem as lagartas!...

Quando cheguei ao cimo da Avenida, ainda me senti mais pequenino do que sou, em frente do grande monumento ao grande Marquês de Pombal.

Aquele belo leão, que está a seu lado, representa a força; foi com essa força e muita inteligência que o portentoso estadista, ministro no reinado de D. José I, tanto levantou o país que agora lhe paga a sua dívida de gratidão!

Vejam lá se eu não falo bem das cousas notáveis da vossa terra, como se aqui tivesse nascido e vivido sempre!

Gostava até que vocês me fizessem qualquer pergunta para ver se me atrapalhavam!

Teem-me sempre ao vosso dispôr. Aproveitem que eu lhes darei o ensino, com muito tino.

para se ver que isto seria digno de figurar no tesouro real!...

E fechou apressadamente o cofre, deu a volta à chave e tirou-a, dizendo:

«Se me das licença, levarei a chave comigo. Não é porque desconfie de ti, é claro. Mas vou mais descansado. E

isso não te prejudicará, visto que, se daqui a um ano eu não voltasse, poderias arrambar o cofre. Não é assim?»

O Melro concordou. Deixou que o Abade guardasse a chave e, tomando no bico o cofre, voou para o ninho. E depois de o ter pousado, pôs-se a juntar o dinheiro, enquanto contava o caso à mulher.

Esta, que era espertalhona, desconfiou do negócio:

«Cuidado, maridinho! Seria bom verificares o conteúdo do cofre antes de entregares ao Abade o nosso rico dinheirinho!... Lembra-te de que ele é da família das Pégas!...»

«Tens razão, mulher! Mas como hei-de abri-lo?»

«Pega lá êste arame. Servir-te-há de gazua!»

O Melro introduziu o arame na fechadura e conseguiu abrir o cofre.

«Ai o gatuno do Abade!... Excepto o fio e o anel, é tudo falso! Nem ouro nem prata!... Vou dar-lhe um ensinino! Prego-lhe tamanha bicada que o rebento!...»

(Conclue na 8.ª pagina)

# Conselhos aos meus amiguinhos



Por GRACIETTE BRANCO

## O arranjo da Secretária

**B**ONS dias, queridos amiguinhos. Venho, novamente, passar uns agradáveis momentos a vosso lado, e perguntar-lhes, cheia de confiança na resposta, que tal vai o arranjo das vossas gavetinhas.

Tenho a certeza de que estão meticulosamente arrumadas conforme o meu último conselho.

Hoje vamos tratar das vossas secretárias.

Todos os meninos têm a sua mesa de estudo, com gavetas onde guardam os cadernos e onde arrumam os livros. Têm, certamente, sobre ela, o tinteiro, o mata-borrão, os suportes para as canetas, a caixa para os lápis com uma pequena divisão para a borracha.

Eu conheci um menino, desmazelado e indolente, que, ao chegar a casa, de regresso do colégio, atirava com a maleta dos livros para um canto, espalhando os cadernos pelo chão, com as folhas soltas e rasgadas. Os livros caíam abertos; os lápis e a borracha rolavam pelo sobrado e os bicos dos aparos entortavam-se, ao brusco embate da queda.

Como não lhe passava pela cabeça pegar num livro, de manhã, à hora da entrada para o colégio, ia, atabalhoadamente, com os olhos piscos de sono, apanhar, fôlha aqui, fôlha ali, os pobres cadernos, os livros esfarrapados, os aparos sem bico, os lápis roídos na ponta!!! A borracha... nem se dava ao trabalho de procurar!

Resultado: no colégio, era asperamente repreendido, porque, no momento solene do trabalho, acotovelava os condiscipulos, pedindo, a este, um lápis, áquele, uma caneta, agora uma borracha, logo o mata-borrão, em tão desolador estado de desmazelo e desordem, que amargurava o coração de quem o via!

Ora digam-me, agora, os meus queridos amiguinhos: — não é muito melhor ter todos os objectos cuidadosamente arrumados e ser louvado pelos professores e admirado pelos companheiros?

E não julguem que é trabalhosa a tarefa de arrumar, muito pelo contrário: difícil é o trabalho de procurar, de remexer na desordem.

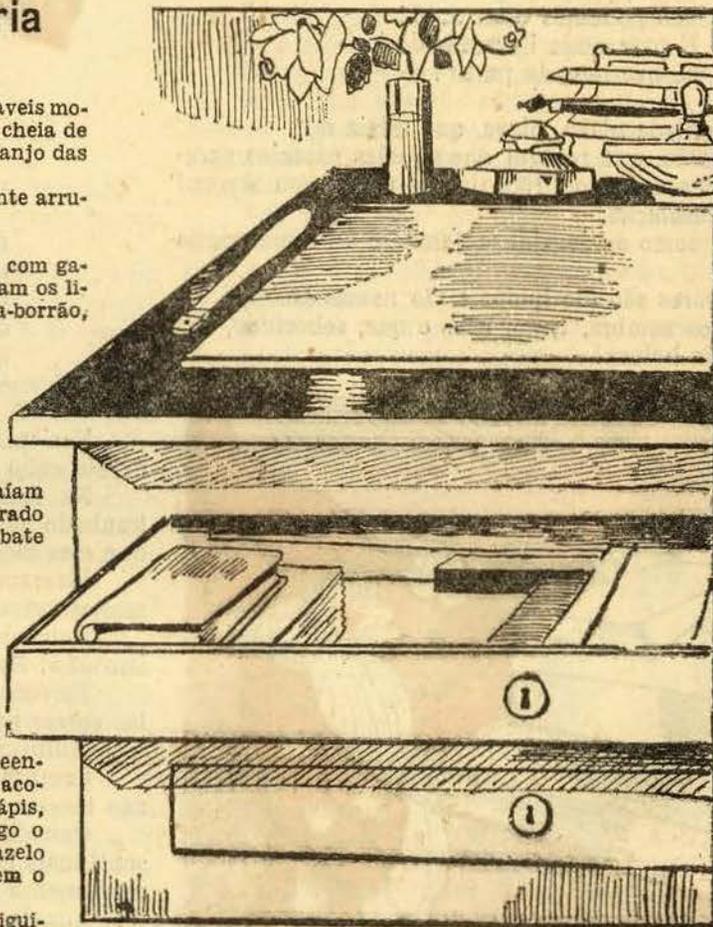
Vamos, pois, pôr mãos à obra. Vá. Vejamos os livros. Com uma fôlha de papel branco, façamos-lhes umas capas simples, lisas, que nada custam a fazer e que os conservarão sempre novos. Agora vão aqui para esta gaveta. Os cadernos vão para esta.

Fechemos, agora, as gavetas mas bem fechadinhas. (Vejam lá se fica alguma fôlha entalada.)

Bom. Agora os tinteiros. Não os deixem estar pingados, que é muito feio.

Vamos, agora, pôr as canetas, muito direitinhas, nos suportes; os lápis, bem aparadinhos, na sua caixa e a borracha na divisão, ao lado. (Nunca se esqueçam de a guardar sempre que se utilizem dela, porque, como é um objecto pequeno, com mais facilidade se perde.)

Agora a fôlha do mata-borrão. Não a tenham pingada nem com bocados arrancados, que é, também, muito feio.



Sempre direitinha e limpa é que eu a quero, ouviram? Devem substituí-la logo que apresente um aspecto desagradável, porque a sua compra não é dispendiosa e contribui muito para o bom efeito do conjunto.

E, para complemento, meus queridos amiguinhos, apanhem no vosso canteiro ou peçam à mãizinha que lhes mande vir do mercado, um raminho de flôres, frescas, viçosas, e ponham-nas em água, diariamente renovada, numa jarrinha simples, açada, em vossa frente, sobre a secretária.

As flores dão vida, dão graça ao ambiente e casam-se bem com a claridade límpida das vossas puras alminhas.

E agora, que as vossas secretárias estão um encanto de ordem e de arranjo, despede-se de vós, com um até breve e um beijo, a vossa amiguinha

GRACIETTE

F I M



# O Conto do vigário

(Continuação da página 3)

A senhora Melra tratou de o acalmar:

«Deixa, homem que nos desgraças!... Lembra-te de que tens mulher e filhos!... Ouve: O melhor é não te dares por achado, e fazeres-lhe uma partida: Arranjas um maço de papéis, pões-lhe em cima uma nota de vinte escudos e entrega-lho, dizendo-lhe ser o conto. Vingas-te e nós lucrámos! O fio e o anel valem bem mais!...»

«Tens razão, mais uma vez! Vou fazer o que aconselhas...»

Recortou uma porção de papéis, juntou-os todos e colocou sobre eles uma nota de vinte escudos. Embrulhou tudo, atando com um cordel. Depois saiu, a procurar o Abade. Este, saltitando de ramo em ramo, cantarolava baixinho:

«Enrolei o parvo Melro!  
Dei um e recebo seis!...  
Sou esperto como um alho!  
Vou ter um conto de réis!...»

O Melro chegou ao pé dele:

«O que diz, senhor Abade?»

«Nada! Nada! Estava a rezar as minhas contas!...»

E agarrou com o bico no maço que o Melro lhe estendia. Este, muito senhor de si, aconselhou:

«É conveniente verificar, embora eu o tenha já contado e recontado! Vem todo em notas de vinte escudos!...»

Com uma bicadinha no papel que embrulhava o maço, fez-lhe um pequeno buraco. Mostrou ao Abade a nota que vinha em cima e acrescentou:

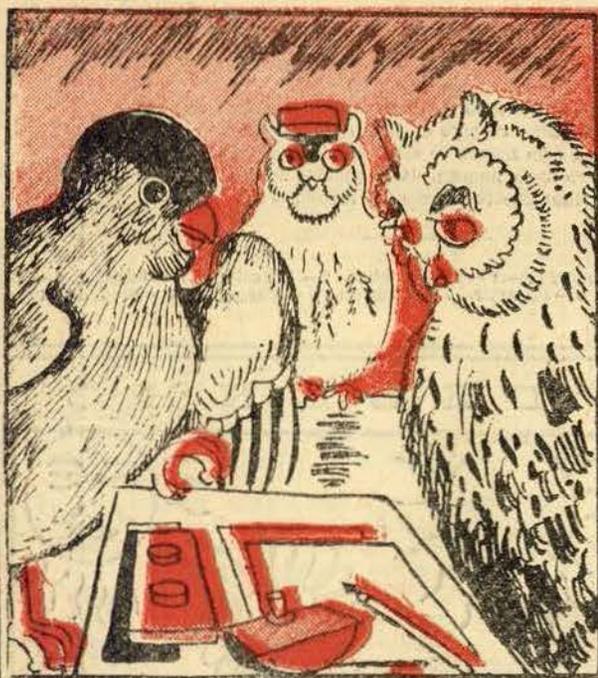
«Vê? Todas assim! Novinhas em folha! Eu desembrulho!...»

«Não é preciso, amigo. Confio em ti! Além disso estou cheio de pressa porque o pacote parte ao meio-dia. Adeus e obrigado!»

«Boa viagem e recomenda-me ao Sabiá!»

O Abade voou logo e depressa desapareceu.

Não passava ainda meia hora e entrava ele, açodado



e louco de raiva, no gabinete do chefe de polícia, senhor Mócho.

«Providências! Roubaram-me! Desgraçaram-me! Aniquilaram-me!...»

«Calma, senhor Abade! Do que se trata?»

«Venho pedir-lhe que manda já prender o Melro de Bico Amarelo e que o obrigue a pagar-me o que me deve! Fiquei sem as minhas ricas joias e sem dinheiro! Ai que eu morro abafado!...»

«Sossegue, senhor Abade. Vou ordenar que lhe tragam um copo de água e que a detective Aguia se ponha à sua disposição...»

Assim foi. Daí a pouco, o Abade, mais calmo, contava à Aguia as suas desgraças, impingindo-lhe uma porção de mentiras. Esta ouviu em silêncio. E por fim perguntou:

«Tem testemunhas?»

«Não!...»

«Nesse caso vão ser difíceis as investigações. Contudo



vou esforçar-me porque lhe seja restituído o que lhe roubaram...»

«Não! Não! Antes queria o dinheirinho que o ladrão do Melro ficou a dever-me!»

Despediram-se.

E a Aguia resolveu ir falar com o agente mosquito. Mas pelo caminho ia pensando:

«Este Abade também me não parece boa ave - Ou eu me engano muito, ou temos aqui um pássaro bisnau!... Porque será que ele prefere o dinheiro às joias de família?»

Daí a pouco encontrou o agente Mosquito e, depois de lhe contar tudo, propôs-lhe:

«Queres ajudar-me? Dar-te-hei metade dos ganhos e tu irás espionar o Melro...»

O Mosquito aceitou. E nessa mesma tarde veio ter com a Aguia, zumbindo, entusiasmado:

«Tudo descoberto! Ouvi uma conversa do Melro com a mulher e por ela pude avaliar que tão ladrão é o Melro como o Abade. Ah! Ah! Ah! Que grandes mariolas!...»

A Aguia esperou que o Mosquito terminasse as suas efusões. E quando, por fim, este relatou a patifaria do Abade e a vingança do Melro, não pôde deixar de rir também.

Nessa mesma noite, o Melro e o Abade encerrados na cadeia, em celas vizinhas, choravam a sua triste sorte, arrependidos das proezas que tinham cometido e jurando não tornar a cair noutra...

«As joias de ouro e de prata eram só latão e barro!»

... Falava, em voz triste, o Abade. E o Melro assobiava, em resposta:

«O conto que lhe entreguei, era o conto do vigário!...»

F I M